

## MONOPÓLIO RELIGIOSO MILITAR, INTOLERÂNCIA E GÊNERO NA CAPELANIA

*Brayan de Souza Lages\**

A presente pesquisa tem por objetivo demonstrar as influências da religiosidade cristã na visão de mundo dos militares brasileiros. Para alcançar tal objetivo, inicia-se apresentando as três grandes figuras da capelania militar brasileira em seus respectivos contextos históricos, a saber: João Filson Soren, o primeiro capelão protestante no Brasil, Antônio Alves da Silva (Frei Orlando), patrono da capelania militar brasileira e Élio Eugênio Müller, o primeiro comandante capelão protestante. Por último, utiliza-se do gênero como categoria de análise para explicar a construção simbólica das relações de poder na capelania. A capelania militar brasileira pode ser vista por monges voluntários já no século XVIII, porém, devido ao monopólio religioso por influência do catolicismo romano, herança ainda do “padroado”<sup>1</sup>, os protestantes só foram ser aceitos no século XX. As perguntas dessa pesquisa se encontram no fato de que a oportunidade para um protestante comandar a capelania foi um avanço para o diálogo ecumênico e inter-religioso? E por que ainda não existem mulheres no serviço oficial de capelania militar no Brasil?

A presença de pastores nas forças armadas será inaugurada por João Filson Soren, pastor batista, e por Juvenal Ernesto da Silva, um pastor metodista. Esse terreno até então de predominância católica parece começar a tomar rumos mais tolerantes, pois mesmo que pareçam próximas as confissões de fé, até o período da segunda Guerra Mundial ainda havia uma grande resistência religiosa. A respeito do Pastor Soren, seus companheiros de caserna relatam que o integrante do 1º Regimento de Infantaria, tão logo soube que jaziam insepultos “alguns corpos de brasileiros nas encostas do M. Castello, apressou-se em identificá-los e removê-los para a retaguarda, numa demonstração de elevado espírito de solidariedade humana e de amor”<sup>2</sup>. Sobre Padre Jacob Emílio Schneider, faz-se o seguinte registro a respeito da convivência com o colega capelão protestante: “Meu cantil estava sempre abastecido de água fresquinha, que ele buscava numa fonte que ficava a algumas centenas de metros. Quando eu celebrava missa, ele cuidava espontaneamente da disciplina e silêncio nas imediações, sua gentileza era notável”<sup>3</sup>.

---

\* Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Pós-Graduando em Teologia do Antigo Testamento pela Faculdade Unida de Vitória. Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Tecnologia Ciências e Biotecnologia das Assembleias de Deus (FAECAD). E-mail: brayanlages@gmail.com.

<sup>1</sup> “O padroado, implantado aqui desde os primeiros séculos de colonização do Brasil no espírito da Cristandade, vai perdurar até a Proclamação da República. Num primeiro momento, seguindo a tradição católica do padroado em outras regiões do planeta, foi um regime dos mais convenientes para Roma, pois garantia a evangelização das terras descobertas e a certeza de que estas terras seriam católicas. Apesar de a Santa Sé ter de ceder parte de seu poder centralizador para o monarca de Portugal, estava assegurada a propagação do catolicismo em território tão amplo e de difícil evangelização. Esta situação fica inalterada com a Declaração de Independência, quando passa a prevalecer o padroado régio e o Imperador detém a prerrogativa de decisão a respeito das orientações vindas de Roma”. PAIVA, Angela, Randolpho. *Católicos, protestantes, cidadão: uma comparação ente Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Centro de Edelstein de Pesquisas Sociais. Valores religiosos e mundo: catolicismo ibérico, puritanismo e a cidadania possível. 2010. p. 44.

<sup>2</sup> BRANCO, Manoel Thomaz Castelo. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: BIBLEx, 1960. p. 345.

<sup>3</sup> SCHNEIDER, Jacob Emílio. *Vivência de um Capelão da FEB*. Curitiba: Edições Rosário, 1983. p. 83.

Antônio Alves da Silva (Frei Orlando), memorável para os que o conheceram, morreu vitimado por um tiro acidental de um “*partisan*”<sup>4</sup> no dia 20 de fevereiro de 1945, quando se deslocava para levar assistência espiritual aos homens posicionados para o ataque ao Monte Castelo. “O Decreto nº 20.680, de 28 de fevereiro de 1946, consagrou-o como o patrono do Serviço de Assistência Religiosa de Exército”<sup>5</sup> (SAREx). Atualmente existe o Ordinariado Militar do Brasil é uma Circunscrição Eclesiástica da Igreja Católica no Brasil, “subordinada diretamente à Santa Sé, participa do Conselho Episcopal Regional Centro-Oeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A Sé episcopal está na Catedral Militar Rainha da Paz, na cidade de Brasília, Distrito Federal”<sup>6</sup>. As diretrizes pastorais da Arquidiocese Militar do Brasil são de cunho catequético e doutrinário, pois seu “objetivo específico é evangelizar os militares, seus familiares e dependentes, a partir do anúncio do *kerygma*”<sup>7</sup>, sendo este um conceito teológico para “anúnciação ou proclamação do evangelho segundo Jesus”<sup>8</sup>.

“Outro capelão que se destacou, foi Élio Eugênio Müller, não por participar da Força Expedicionária Brasileira, mas sim, por ter sido o primeiro capelão protestante a comandar o serviço de assistência religiosa brasileiro em 1998”<sup>9</sup>. Um fato muito relevante sobre Müller, é que ele pretendia ser um “capelão para todos”<sup>10</sup>, apesar de ser de confissão luterana ele entendia que a assistência religiosa não poderia gerar conflitos, sua ideia era não só ecumênica, mas plural, pois, não queria fazer seus sermões separadamente, pelo ao contrário queria todas as religiões presentes, contudo, de maneira unilateral, pois da mesma maneira que ele desejava uma diversidade religiosa em seus sermões, não foi possível encontrar uma reciprocidade, na medida que, não houve capelães de outras confissões religiosas em seu comando.

Segundo Alonso, em entrevista realizada com o capelão Müller, sua ascensão ao comando não parecia ser algo visto com bons olhos pela maioria dos capelães católicos, pois seria algo inédito, o próprio Müller nunca havia acreditado que poderia chegar ao posto mais alto de sua carreira. Essa questão ficou muito mais evidente por conversas extraoficiais entre Müller e o Coronel capelão Alberto da Costa Reis, pois desejava que este fosse o próximo comandante, principalmente por ser protestante. Segue o trecho de uma conversa, nas palavras ditas por Reis:

Observe bem. De um lado está a Igreja Católica lutando para se manter como a dona do terreno. Do outro lado estão os evangélicos, lutando contra católicos. Os evangélicos começaram a exigir garantias de espaço e lutam contra as pretensões católicas. Além disso, não se deve esquecer que aí também estão os espíritas, insatisfeitos e reclamando.<sup>11</sup>

Na conversa realizada pelos capelães, já é possível ver situações extremamente conflitantes, como a questão do monopólio religioso católico e a insatisfação de outras religiões, pois, não tinham suas necessidades assistidas. É importante lembrar que esse diálogo ocorreu por volta dos anos de 1998, ano que Müller assume o comando. A capelania brasileira próxima da virada para o século XXI ainda parecia ser uma instituição medieval.

Os chefes militares não estão satisfeitos com o SAREx. Eles reclamam da conduta e da vida que muitos dos capelães estão levando; basta lembrar a questão da sexualidade ou a

<sup>4</sup> Membros de unidades combatentes irregulares ou milicianos.

<sup>5</sup> SAREX. *Patrono Sarex*. Disponível em: <<http://sarex.dgp.eb.mil.br/index.php/patrono>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

<sup>6</sup> ARQUIDIOCESE MILITAR DO BRASIL. *Ordinariado militar do Brasil*. Disponível em: <<http://www.arquidiocesemilitar.org.br/historia>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

<sup>7</sup> SAREX. *Diretrizes Pastorais da Arquidiocese Militar do Brasil*. Disponível em: <[http://sarex.dgp.eb.mil.br/images/stories/docs/diretrizes\\_pastorais\\_da\\_arquidiocese\\_militar\\_do\\_brasil.pdf](http://sarex.dgp.eb.mil.br/images/stories/docs/diretrizes_pastorais_da_arquidiocese_militar_do_brasil.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2017.

<sup>8</sup> RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 265.

<sup>9</sup> ALONSO, Seawright Leandro. As memórias da capelania militar e o Serviço de Assistência Religiosa do Exército Brasileiro: história, (in) tolerância e chefia castrense. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n 44, p. 1589-1618, 2016. p. 1600.

<sup>10</sup> MÜLLER, 1999<sup>a</sup> *apud* Alonso, 2016, p. 1600.

<sup>11</sup> MÜLLER, 1999<sup>a</sup> *apud* Alonso, 2016, p. 1610.

homossexualidade e promiscuidade, abraçada por muitos padres. Você já socorreu alguns deles e os assistiu, ajudando-os a sair da promiscuidade deplorável.<sup>12</sup>

A tolerância religiosa era o alvo de Müller, e para Reis, ninguém melhor do que ele poderia administrar os conflitos de interesse decorrentes de anos de desgaste e inevitável engessamento. Situações como o número de vagas para capelães católicos ser maior do que o número de vagas para capelães protestantes, “questões políticas, e principalmente a ideia de que para Reis o padre não é melhor do que o pastor, de acordo com a sua ortodoxia todos pecaram e precisam do mesmo Cristo”<sup>13</sup>. Mas o problema que aparentemente causava mais desconforto aos comandantes militares, segundo ele, eram as condutas sexuais dos padres capelães.

Por lógico, tratava-se, diante da moral vigente nas Forças Armadas, de um ‘problema’ religioso e institucional grave; pois, entre os religiosos capelães, conforme Alberto da Costa Reis, existiam ministros que não viviam de maneira ‘casta’ e que eram homossexuais adjetivados como ‘promíscuos’.<sup>14</sup>

Para Wanda Deifelt as rejeições mais fortes as práticas homoafetivas são provenientes dos textos bíblicos.

Dentro das igrejas carecemos de uma discussão séria sobre a homossexualidade. No entanto, ao discutir a homossexualidade deveríamos nos perguntar sobre a ética sexual de um modo mais abrangente. Dentro do feminismo se tratou de denunciar que muitos dos assim chamados padrões normais de comportamento nada mais eram do que a imposição da vontade de alguns em detrimento de outras.<sup>15</sup>

Deifelt critica a questão de que ao longo da história na perspectiva feminista, parece que houve uma certa seleção nos textos bíblicos, no que se refere a definição ao não de pecado, colocando em xeque a “condenação pela condenação” da prática homoafetiva. Levantando questões como a utilização de roupas de dois materiais diferentes, não comer carne com sangue ou comer carne cozida com leite; essas observações não são mais levadas em conta pela cristandade de maneira geral atualmente, então levanta-se a questão: qual seria o motivo da ainda militância contra a homoafetividade? Talvez a resposta se encontre no fato que o problema que os religiosos devem se ater não é o da homoafetividade, mais sim o da sexualidade cristã que sofre em certa medida de formatações históricas repressivas. Isso significa dizer, que do mesmo modo como a igreja não soube trabalhar muito bem a questão da homoafetividade, as Forças Armadas também não, já que o Serviço de Assistência Religiosa é um reflexo direto da própria igreja cristã, que introduz simbolicamente perspectivas de moralidade próprias do meio religioso para o meio militar.

Mesmo com o direito de mulheres participarem do processo seletivo para a função de capelães, até a presente pesquisa, infelizmente não foi possível encontrar nenhuma brasileira exercendo tal função. Em 2012, na era Rousseff, o Exército brasileiro foi o primeiro das três forças federais a permitir a entrada de mulheres, mas parece que internamente ainda há uma grande resistência dos militares com a entrada delas em tais funções. “A juíza da 5ª Vara Federal de Brasília, Daniele Maranhão Costa, determinou a suspensão imediata do concurso público para capelães navais da Marinha que excluía a participação de mulheres”<sup>16</sup>. Essas atitudes das Forças Armadas acabam por gerar um grande conflito, e são questionáveis, pois a mensagem que ela

<sup>12</sup> MÜLLER, 1999c *apud* Alonso, 2016, p. 1611.

<sup>13</sup> MÜLLER, 1999a *apud* Alonso, 2016, p. 1611.

<sup>14</sup> ALONSO, 2016, p. 1613.

<sup>15</sup> DEIFELT, Wanda. Os tortuosos caminhos de Deus: igreja e homossexualidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 39, n. 1, p. 36-48, 1999. p. 46.

<sup>16</sup> CARNEIRO, Orlando Luiz. *Justiça garante mulheres em concurso para capelães da Marinha*. Jornal do Brasil. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2013/06/21/justica-garante-mulheres-em-concurso-para-capela-es-da-marinha/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

transpassa é de uma instituição que deveria ser laica tem posições que mais se adequam a Igrejas Cristãs ortodoxas que não aceitam mulheres como oficiantes.

“O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”<sup>17</sup>. Nesse sentido, a barreira imposta pelas Forças Armadas para impedir a feitura do concurso público por uma mulher não é uma ação isolada, é reflexo de uma construção histórica baseada nas relações de poder, parece que as vozes se confundem. Não há muita clareza nessa questão, pois fica difícil saber de quem é a ideologia constituinte desse posicionamento, se é do militarismo ou se é da igreja. Contudo, mesmo que não seja possível precisar “quem está falando” é possível refletir sobre as hipóteses como tipificações de ações teleológicas.

Por fim, fica claro que o militarismo brasileiro vive o resultado de uma construção histórica a partir das trocas simbólicas de poder. “Em que, a religião é a ideologia predominante e impugna uma ação teleológica que não reflete uma proposta de diálogo comum, só age em seu próprio interesse”<sup>18</sup>. Desta maneira a questão da limitação de agentes religiosos oficiais ao cristianismo, mesmo com o conhecimento pelo comandante desde os anos 1990 da insatisfação de outros religiosos como os espíritas, por não terem a assistência religiosa dentro dos parâmetros legais constitucionalmente e rituais de acordo com sua própria religião, é coerente com a situação monolítica que a instituição vive. “O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana”<sup>19</sup>, bem como as questões de hierarquia dos gêneros nos ambientes de trabalho militar.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Seawright Leandro. As memórias da capelania militar e o Serviço de Assistência Religiosa do Exército Brasileiro: história, (in) tolerância e chefia castrense. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n 44, p. 1589-1618, 2016.

ARQUIDIOCESE MILITAR DO BRASIL. *Ordinariado militar do Brasil*. Disponível em: <<http://www.arquidiocesemilitar.org.br/historia>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

BRANCO, Manoel Thomaz Castelo. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: BIBLEx, 1960.

CARNEIRO, Orlando Luiz. *Justiça garante mulheres em concurso para capelães da Marinha*. *Jornal do Brasil*. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2013/06/21/justica-garante-mulheres-em-concurso-para-capelaes-da-marinha/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

DEIFELT, Wanda. Os tortuosos caminhos de Deus: igreja e homossexualidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 39, n. 1, p. 36-48, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do Agir Comunicativo: Sobre a crítica da razão funcionalista*. Tradução de Paulo Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012c. 2 v.

PAIVA, Angela, Randolpho. *Católicos, protestantes, cidadão: uma comparação ente Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Centro de Edelstein de Pesquisas Sociais. Valores religiosos e mundo: catolicismo ibérico, puritanismo e a cidadania possível. 2010.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2012.

SAREX. *Diretrizes Pastorais da Arquidiocese Militar do Brasil*. Disponível em: <[http://sarex.dgp.eb.mil.br/images/stories/docs/diretrizes\\_pastorais\\_da\\_arquidiocese\\_militar\\_do\\_brasil.pdf](http://sarex.dgp.eb.mil.br/images/stories/docs/diretrizes_pastorais_da_arquidiocese_militar_do_brasil.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2017.

<sup>17</sup> SCOTT, Joan W. Uma categoria útil para análise histórica. *Cadernos de História UFPE*, n. 11, p. 9-39, 2016. p. 21.

<sup>18</sup> Cf. HABERMAS, Jürgen. *Teoria do Agir Comunicativo: Sobre a crítica da razão funcionalista*. Tradução de Paulo Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012c. 2 v. p. 233.

<sup>19</sup> SCOTT, 2016, p. 23.

SAREX. *Patrono Sarex*. Disponível em: <<http://sarex.dgp.eb.mil.br/index.php/patrono>> Acesso em: 10 abr. 2016.

SCHNEIDER, Jacob Emílio. *Vivência de um Capelão da FEB*. Curitiba: Edições Rosário, 1983.

SCOTT, Joan W. Uma categoria útil para análise histórica. *Cadernos de História UFPE*, n. 11, p. 9-39, 2016.